

UM ESTUDO EXPLORATÓRIO ACERCA DOS MOTIVOS E DA LÓGICA DO TERRORISMO SUICIDA¹

Aurélia Nicolau do Carmo Teixeira Neves

Resumo: Desde os ataques às Torres Gêmeas, em Nova Iorque, em onze de setembro de 2001, o terrorismo foi alçado à prioridade tanto em termos de políticas públicas quanto à necessidade de compreendê-lo, na agenda internacional e na academia. Não existe uma definição unívoca e consensual acerca do fenômeno do terrorismo e essa é uma das dificuldades em estudar o tema. Ainda mais complexo é a questão do terrorismo suicida ou martírio, que muitas vezes é associado à religião e causa assombro e temor nas populações ao redor do mundo. No senso comum das sociedades ocidentais, o indivíduo que se associa a grupos terroristas e que se sujeita ao martírio é visto e representado como louco ou psicopata. Outras associações normalmente feitas a esse fenômeno é que a pobreza, o desemprego, a falta de esperança em relação à vida seriam também motivos para que os indivíduos se juntem a grupos terroristas e escolham o destino dos mártires. A elucidação desses comportamentos e fenômenos é fundamental para dissipar preconceitos religiosos e étnicos, além de prover melhores informações para políticas eficientes contra o terrorismo.

INTRODUÇÃO

O terrorismo não é um fenômeno novo, apesar disso, ainda demanda que seja estudado e analisado com profundidade, em todos os campos, tais como Ciência Política, Sociologia e nas Relações Internacionais.

Não existe um conceito único e inequívoco para o terrorismo, seja no Direito Internacional ou no âmbito das organizações internacionais. Alguns estados desenvolvem seus próprios conceitos para utilização em suas políticas e legislação doméstica, como é o caso dos Estados Unidos. Entretanto, vale notar, que mesmo dentro dos EUA, o Departamento de Estado utiliza um conceito para terrorismo e o Congresso americano é adepto de outro (ATRAN, 2003). Esse exemplo ilustra bem a complexidade do assunto.

Em relação especificamente ao terrorismo suicida, o tema é ainda mais controverso. Estudos mostram que 80% dos ataques suicidas desde 1968, ocorreram depois dos atentados ao World Trade Center, em Nova Iorque, em 11 de setembro de 2001 (ARGO, 2006). Essas estatísticas demonstram a propagação e a força que esse tipo de ataque ganhou após esse atentado terrível e tão destrutivo. A investigação acerca dos motivos dessa escalada, a lógica do terrorismo suicida e os motivos pelos quais as organizações terroristas se utilizam dele são campos abertos para serem desenvolvidos pela academia. Além disso, esses são problemas concretos que os governos ao redor do mundo precisam lidar. Entender o terrorismo e suas

vertentes é fundamental para desenvolver políticas domésticas e internacionais de combate e prevenção.

Vale dizer que, a própria nomenclatura desse fenômeno é controversa. Boa parte da literatura refere-se a ele como “terrorismo suicida” e usam o termo “martírio” como sinônimo, enquanto outros autores, mais engajados em estudos culturais e religiosos do Islã, preferem usar apenas “martírio”, conscientes dos significados e valores que esse termo carrega culturalmente dentro de várias comunidades muçulmanas. No presente trabalho, a opção será feita pelo termo utilizado pela maioria dos estudiosos do tema, isto é, o uso dos termos “terrorismo suicida” e “martírio” como sinônimos.

O objetivo desse artigo é apresentar um panorama amplo e preliminar acerca dos motivos e da lógica do terrorismo suicida, especialmente desde os ataques de onze de setembro, além de questionar as definições apresentadas por essas teorias que pretendiam adequar e atualizar o campo para aquele novo contexto.

1. OS MITOS E AS NOVAS PERSPECTIVAS DO TERRORISMO SUICIDA

Há algumas décadas, algumas concepções sobre o terrorismo e os terroristas foram recentemente reconsideradas por meio de novos e mais abrangentes estudos. Os terroristas eram vistos como irracionais, até mesmo loucos, suas motivações eram definidas em termos de desespero, por serem pessoas sem educação formal, pobres e sem perspectivas de vida melhor (ARGO, 2006).

Recentemente, esse perfil dos terroristas foi considerado inadequado. Estudiosos perceberam que os terroristas suicidas não são psicopatas e não têm distúrbios mentais como depressão ou tendências suicidas. A maioria deles possui algum grau de educação formal e, em geral, são mais escolarizados que a média da população de seus países (*Idem*).

Outra característica normalmente atribuída ao terrorismo suicida é a sua ligação com a doutrinação e o fanatismo religiosos. O Islamismo é a religião mais relacionada a organizações terroristas e estudos iniciais sobre o assunto, assim como senso comum, consideram que o Islamismo motiva o terrorismo (ARGO, 2006).

Uma minoria de estudos especificamente focados no fenômeno do terrorismo suicida tendia a concentrar sua atenção na irracionalidade do suicídio através da perspectiva do

indivíduo que o cometia. Os motivos individuais que motivavam o ato terrorista eram identificados justamente como fanatismo religioso e doutrinação (PAPE, 2013).

Nichole Argo (2003) afirma que no ano 2000, a maioria dos ataques terroristas foi perpetrada por organizações seculares. Ela aponta que mesmo se for possível estabelecer uma ligação entre terrorismo e religião, isso não pode ser traduzido automaticamente em termos de causalidade.

Para demonstrar que organizações seculares também utilizam o terrorismo suicida como estratégia, Robert Pape (2003) cita o exemplo do grupo Tigres da Liberação do Tamil Eelam, uma organização do norte do Sri Lanka, baseada no Marxismo Leninismo, que é a líder mundial na utilização do terrorismo suicida.

Muitos políticos argumentam que para prevenir e impedir o terrorismo era fundamental trabalhar no sentido de combate à pobreza, à fome, ao desemprego e contra outros problemas sociais e econômicos que atingem tipicamente as sociedades nas quais as organizações terroristas mais famosas foram criadas (ATRAN, 2003). Existem, inclusive, autores que estudam o terrorismo utilizando-se de modelos no quais os terroristas são indivíduos que agem baseados no auto interesse justamente porque lhes falta educação e porque vivem na pobreza. O problema com esse tipo de explicação e com esse modelo teórico é que, normalmente, os terroristas, como já foi mencionado, têm certo nível de educação formal e não fazem parte das classes sociais mais baixas. De acordo com uma pesquisa realizada em 2001 e mencionada por Scott Atran (2003), militantes têm uma tendência menor de serem provenientes de famílias pobres e tendem a possuir educação secundária. Adicionalmente, na maioria das vezes, o comportamento do terrorista não é explicado por uma lógica individual, mas por valores comunitários e um sentimento de pertença (ATRAN, 2003).

Nasra Hassan (2001), uma jornalista do periódico *The New Yorker*, entrevistou vários militantes em Gaza e frisa que o terrorista típico ou o militante islâmico não se enquadra no estereótipo mais comum:

None of the suicide bombers – they ranged in age from eighteen to thirty eight – conformed the typical profile of the suicidal personality. None of them were uneducated, desperately poor, simple-minded or depressed. Many were middle class and, unless they were fugitives, held paying jobs. More than half of them were refugees from what is now Israel. They were polite and serious, and in their communities they were considered to be model youths. (HASSAN, 2001, p. 3-4)ⁱⁱ.

É crucial remover os clichés relacionados ao perfil dos terroristas e ao fenômeno do terrorismo suicida para que ambos possam ser mais bem compreendidos. Sem melhores análises, não é possível contribuir para a paz e para políticas de segurança mais eficientes. Os estudos recentes sobre o assunto mudaram o campo e a maneira como os especialistas e os governos trabalham em relação ao tema.

2. A LÓGICA DO TERRORISMO SUICIDA

Os trabalhos mais recentes acerca do terrorismo suicida mudaram de enfoque e não são mais centrados em explicações sobre o indivíduo que comete o ataque terrorista suicida. Eles procuram entender a lógica do terrorismo suicida como um fenômeno e não como comportamento individual. Tradicionalmente, o foco dos estudos eram no indivíduo e nos seus motivos particulares e isso acontecia porque os ataques suicidas parecem eventos totalmente irracionais e desesperados.

Robert Pape (2003) frisa que as organizações terroristas usam o terrorismo suicida porque ele funciona. Seu argumento é que, se o indivíduo que comete um ataque suicida parece irracional, a organização da qual ele faz parte e que planeja esse tipo de ação, certamente não é. Esse autor estabelece uma enumeração de características do terrorismo suicida a partir da análise de atentados, ocorridos ao redor do mundo, entre 1980 e 2001.

Em primeiro lugar, o autor define que o terrorismo suicida é estratégico. Esses ataques são parte de uma campanha maior para atingir determinados objetivos políticos. Em segundo lugar, Pape estabelece que a lógica do terrorismo suicida é especificamente configurada para assustar e coagir as democracias modernas. Esses ataques são empregados com a expectativa de que tais democracias farão concessões diante dessa ameaça. Em terceiro lugar, o autor demarca que a razão pela qual o terrorismo suicida esteve em ascensão nos últimos vinte anos é que as organizações terroristas aprenderam que ele funciona no sentido de conseguir concessões e alcançar seus objetivos. Em quarto lugar, Pape faz a ressalva de que, embora objetivos intermediários possam ser atingidos por meio de campanhas de ataques suicidas, os objetivos mais ambiciosos provavelmente não serão e a probabilidade maior é que eles não sejam atingidos de modo algum. Por último, o autor afirma que a maneira mais promissora de impedir o terrorismo suicida é reduzir a confiança do terrorista de que seus objetivos serão atingidos por meio dessa estratégia (PAPE, 2003).

Desse modo, a lógica do terrorismo suicida é que ela força a sociedade alvo a fazer concessões e mudar suas políticas no sentido que a organização terrorista deseja. Frequentemente, seus objetivos são livrar sua terra natal de tropas estrangeiras consideradas invasoras e exploradoras. Além disso, o terrorismo suicida tem a característica de ser bem sucedido em conseguir adeptos e apoio entre as comunidades as quais as organizações terroristas defendem.

O terrorismo suicida é racional e tem uma lógica estratégica seguida pelas organizações terroristas. Isso é demonstrado pelas seguintes evidências: i) os ataques suicidas não são nunca eventos isolados, mas parte de uma campanha abrangente e coerente; ii) ataques suicidas, normalmente, têm objetivos domésticos, como por exemplo, conseguir controle do território; iii) nas duas últimas décadas, o terrorismo suicida teve como alvo democracias porque os países não democráticos não reagem a esse fenômeno como uma força de coerção (PAPE, 2003).

Os argumentos de Pape são bastante otimistas no sentido de definirem as organizações como racionais e as campanhas que utilizam o ataque terrorista suicida como bem elaboradas e parte de uma estratégia maior. Além disso, é bem evidente que o autor acredita que essas organizações são atores racionais que planejam e aprendem com suas ações. Na análise desse autor sobre a lógica do terrorismo suicida, é possível perceber que o nível sai dos motivos e da lógica individual e passa para o modo de agir das organizações terroristas. Outro fator que deve ser levado em conta é o nível de descentralização crescente que as principais organizações terroristas têm passado nas últimas décadas, aspecto que será mais bem discutido posteriormente. Por esse motivo, tratar da lógica do ataque suicida como uma ferramenta racional da atuação das organizações pode ter um poder explicativo menos significativo diante das mudanças pelas quais o fenômeno vem passando.

Existe outro lado dos ataques suicidas. Mia Bloom (2004) entende que esse tipo de ataque atrai organizações não apenas porque são bem sucedidos em conseguir concessões, mas também porque dão legitimidade ao grupo dentro de sua própria comunidade. As operações de martírio, aparentemente, aumentam a fama das organizações que fazem uso delas como estratégia e conseguem apoio de grupos que antes não tinham alinhamento (BLOOM, 2004).

É interessante perceber que, como Bloom (2004) afirma, a maioria dos palestinos acredita que a violência é a única forma de conseguirem um estado independente. E, também

para a maioria deles, não existem “pessoas inocentes” na sociedade israelense já que nesse país há a conscrição obrigatória para homens e mulheres. Por esse ponto de vista, todos israelenses seriam responsáveis pelas ocupações ilegais na Faixa de Gaza e na Cisjordânia (BLOOM, 2004).

Nesse sentido, a autora demonstra que o terrorismo suicida é, de fato, uma estratégia racional usada pelas organizações terroristas e é um fenômeno parte de uma campanha bem planejada e estabelecida por esses grupos que percebem o terrorismo como resistência contra estrangeiros e ocupações e como maneira de atingir seus objetivos políticos. Ele é usado para intimidar democracias e sua opinião pública e para ganhar apoio dentro das comunidades que defendem e conseguir concessões diante de seus inimigos, muitas vezes, mais fortes.

As ressalvas feitas ao argumento de Pape também podem ser feitas, em termos, ao de Bloom. Essa autora também analisa o fenômeno em termos da lógica utilizada por organizações mais estruturadas e centralizadas como aquelas que lutam pela emancipação e demarcação do Estado da Palestina. Essas características, como será demonstrado na próxima sessão, estão em decadência. Ao mesmo tempo, como será mencionado, as mudanças no panorama desde os ataques do onze de setembro parecem apontar para o fato de que os terroristas suicidas apresentam a tendência de juntarem-se à jihad global, mais do que à lutas específicas e localizadas.

A autora, ao apresentar estatísticas acerca do pensamento individual majoritário dos palestinos, volta a indicar certa preocupação com motivações pessoais, que podem ter relevância, uma vez que a tendência parece ser a de fragmentação e descentralização das organizações. Apesar disso, é fundamental estudar o terrorismo suicida como fenômeno social para que tenha relevância na Sociologia, nas Ciências Políticas e nas Relações Internacionais e não apenas na Psicologia.

3. OS MOTIVOS DO TERRORISMO SUICIDA E AS MUDANÇAS NA ATUAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES TERRORISTAS

Muitos especialistas enfatizam a importância do senso de humilhação nas comunidades nas quais as organizações terroristas se formam e como a mídia é significativa para motivar jovens a apoiar e se unirem a elas (ARGO, 2006).

Uma justificativa clássica para o terrorismo é responder às injustiças sofridas. Osama bin Laden, provavelmente o líder terrorista mais famoso e carismático do Al Qaeda, tinha o hábito de discursar enfatizando como os muçulmanos eram mortos, suas comunidades destruídas e seus lugares santos desrespeitados. A ideia de que o Islã está sob ameaça foi utilizada para mobilizar pessoas para se juntarem à jihad. Esse argumento pretende motivar pelos laços emocionais estabelecidos com a comunidade, com a religião e com a terra natal. A intenção é demonstrar que existe uma clara ameaça aos muçulmanos e a suas comunidades e, dessa forma, convencer os indivíduos a agir contra ela unindo-se à jihad (ARGOS, 2006).

Dessa forma, o martírio tem diferentes significados para as comunidades islâmicas. Por exemplo, os *istih' hadi*, ou seja, os terroristas que atacam com bombas, são aqueles que irão dar sua vida pelos que morreram antes e por aqueles que viverão depois. Eles não fazem cálculos individuais acerca de sua vida ou de seus interesses particulares. A motivação é fundada no sentimento de pertencimento a sua comunidade (ARGOS, 2006).

A mídia também é apresentada nesses trabalhos como um forte fator de motivação para o fortalecimento do fenômeno do terrorismo suicida. A televisão e a internet trazem os conflitos locais para perto de jovens que moram em outros continentes. Assistir o que acontece em lugares como Gaza, Cabul ou Chechênia, ao vivo, ter acesso ao que pensam líderes como bin Laden ou Zawahiri, ler depoimentos de indivíduos engajados na jihad, tudo isso, atua como doutrinação de jovens ao redor do globo. O resultado é o sentimento de humilhação, de injustiça e de pertencimento de pessoas que vivem muito longe dos locais onde se desenrolam esses conflitos. Essas pessoas se sentem moralmente obrigadas a lutar por aqueles que estão sendo atacados injustamente (ARGOS, 2006).

A importância da mídia na estratégia do terrorismo suicida e em seu processo de preparação é bastante clara uma vez que o candidato ao martírio, normalmente, grava um vídeo no qual reza e conclama outros a agirem como ele. Esse vídeo é usado pelo candidato para que ele assista a si mesmo como mártir e lembre-se constantemente porque ele irá agir em sacrifício. Depois do ataque, as organizações terroristas distribuem o vídeo na comunidade e usam como material de propaganda da causa (HASSAN, 2001).

A expansão da ideologia do Al Qaeda e o crescimento do número de seus seguidores em todo o mundo ocorrem, certamente, em função do uso intenso que essa organização tem feito da internet. Ela é bastante útil para espalhar a ideologia e informar as pessoas que vivem longe do local dos conflitos e isso proporciona a criação de um sentimento de indignação e

pertencimento. A doutrinação pela internet é bastante bem sucedida no sentido de formar as motivações necessárias para o engajamento de jovens que vivem longe dos principais cenários de conflitos no qual as mais famosas organizações terroristas têm suas células centrais e atividades mais intensas. O acesso às informações, depoimentos, discursos, imagens e narrativas criadas pelas organizações terroristas por meio da internet faz com que jovens de todo o mundo possam sentir-se engajados e obrigados a dedicar sua vida a essa causa. Também é por causa da internet que o jihadismo hoje em dia adquiriu características de um movimento global, apesar de descentralizado e fragmentado (ATRAN, 2006).

Scott Atran (2006) afirma que, depois dos atentados de onze de setembro, a grande atenção recebida pelo Al Qaeda fez com que grupos ao redor do mundo copiassem seus métodos. Essas organizações tinham pouco em comum com a jihad global propagada por Osama bin Laden, eles eram engajados em seus objetivos locais. Entretanto, em todo o mundo muçulmano, organizações decidiram estabelecer contato e relações com a Al Qaeda de modo a impulsionar seus objetivos e se fortalecer.

Uma importante consequência desse processo é que os jihadistas do Al Qaeda não se consideram territorialmente ligados a uma causa. Depois do onze de setembro, o Al Qaeda construiu uma rede global na qual pessoas do ocidente estão engajadas na jihad da mesma forma que os indivíduos que vivem em países islâmicos envolvidos diretamente em conflitos. Indivíduos que não têm laços estreitos com o Al Qaeda cometem atos terroristas por meio de sua doutrinação e em seu nome em diferentes partes do mundo.

Atran (2006), assim como outros autores, enfatiza a importância que o senso de humilhação tem para manter a idéia de guerra santa e motivar os ataques terroristas. Para isso, a invasão do território e a concreta ameaça à comunidade são fundamentais. Com esse sentimento de humilhação, vem o sentimento de pertencimento à comunidade e aos seus valores. Essa amálgama proporciona motivações que não são baseadas em motivos particulares do indivíduo para que ele atue como um terrorista suicida. Suas motivações estão num nível comunitário e se relaciona com os sentimentos de integração com aqueles que ele considera “seus”.

Adherence to sacred values, which provides the moral foundations and faith of every society or sect that has endured for generations, ultimately leads to perceived moral obligations that appear to be irrational, such as martyrdom. One is obliged to act “independently of the likelihood of success,” as in acts of heroism or terrorism, because believers could not live with themselves if they did not. (ATRAN, 2006, pg. 138)ⁱⁱⁱ

Além disso, existem interpretações revisionistas do Islã que estabelecem que para ser um bom seguidor de Alá e seu profeta, o indivíduo precisa se engajar na jihad (ATRAN, 2006). Esse tipo de interpretação do Islã funciona como forte motivação para o terrorismo em geral e o terrorismo suicida em particular.

Mia Bloom (2004), referindo-se ao que motiva o terrorismo suicida, é bastante clara ao afirmar que esses indivíduos são guiados por sentimentos de obrigação moral e satisfação pessoal por fazer aquilo que é considerado certo. De acordo com esse aspecto, ela afirma que *“parece que orientações da comunidade podem ser necessárias para inspirar ações coletivas em níveis mais altos de sacrifício”* (BLOOM, 2004, p. 659). As motivações para o terrorismo suicida são enraizadas nas orientações da comunidade que advém do senso de pertencimento a alguma coisa maior.

Atualmente, a noção da jihad global prevalece. Atran (2006) defende que essa noção emerge no vácuo deixado pelas ideologias ocidentais que foram desacreditadas e corrompidas pelas ações dos governos locais. A jihad global demanda uma nova moralidade; ela usa a história do Islã para reviver a ideia de califado e também pode ser vista como uma contra-ideologia vis à vis a propaganda americana de que somente com democracia e capitalismo as sociedades são sustentáveis. Especialmente desde que os EUA passaram a impor esse modelo por meio de guerras no Oriente Médio e em outros territórios de maioria muçulmana, essa noção de contra-ideologia ficou mais forte.

A evolução da jihad em termos de um movimento global e que se contrapõe à política externa americana em territórios do Oriente Médio consubstancia as motivações do terrorismo suicida que surgem na esteira dos atentados de onze de setembro. Ela é embasada nos sentimentos de injustiça, humilhação e obrigação moral para com a comunidade e ganha abrangência mundial com a utilização da internet e da mídia em geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O terrorismo suicida é um fenômeno relevante desde os anos 1970 (ATRAN, 2003) e, ainda hoje, vários mitos sobre esse tipo de ação ainda prevalecem. Desde os ataques de onze de setembro, a ameaça terrorista tornou-se mais vívida na cultura popular e, assim, muitas concepções inadequadas a seu respeito passaram a fazer parte do senso comum.

Como foi demonstrado no presente trabalho, estudos recentes mostram que essas crenças antigas acerca do perfil dos terroristas suicidas estão erradas. Eles não são sociopatas loucos que têm desejo de morrer. Organizações terroristas usam essa estratégia de ataques suicidas de maneira bem pensada e ela é enraizada e respeitada nas comunidades nas quais os conflitos são mais presentes.

Ainda que sejam tipicamente nascidos e criados em países pobres, com grandes desigualdades sociais e sérios problemas econômicos, os terroristas não são sempre pobres, desesperados e sem educação formal. A atualização dessas informações acerca de quem são os terroristas, foi importante para a compreensão do fenômeno e, principalmente, para desenvolver melhores políticas voltadas para a prevenção do terrorismo globalmente.

Apenas rotular os terroristas suicidas como loucos e as organizações das quais eles fazem parte como irracionais é uma forma de subestimá-los. O terrorismo suicida é uma estratégia racional utilizada porque dá resultados. As organizações terroristas conseguem concessões de seus inimigos e apoio de suas comunidades através dele. A compreensão das raízes, do sentido de comunidade e da moralidade que molda os mártires é essencial para melhores políticas e programas internacionais de combate ao terror.

O desafio que surge é adequar essa literatura que pretendia atualizar os perfis e o conhecimento acerca do terrorismo suicida para o contexto posterior aos atentados de onze de setembro para o cenário atual, ainda mais complexo, no qual a jihad se pretende global e o uso das mídias (ARGOS, 2006), por grupos como o Estado Islâmico, que busca a radicalização de novos militantes em qualquer parte do planeta. O fenômeno dos *foreign fighters* ganha escala e novas dimensões, apesar de não ser novidade, em termos. A insegurança quanto a esses novos elementos, pelas características mencionadas, não poupa nenhum país do mundo. Até que ponto a literatura aqui analisada seria capaz de explicar o terrorismo atual? Essa é uma das questões suscitadas diante do que foi aqui apresentado e fica evidente a necessidade de continuar o trabalho no programa de pesquisa em tela.

Ainda que seja fundamental estudar o fenômeno do terrorismo suicida pelo viés da Ciência Política, da Sociologia e das Relações Internacionais, é interessante perceber que mesmo os autores que procuram esse viés deixam abertura para estudos que tenham como base características individuais e psicológicas. Parece que é necessário um esforço multidisciplinar que abarque a complexidade do fenômeno e garanta maior poder explicativo. Nas análises verificadas aqui, parece que o nível analítico sempre oscila entre o individual e o

social ou coletivo. A chave pode ser justamente uma abordagem ampla, uma vez que uma ou outra não parecem ser suficientes.

Mesmo que o terrorismo não seja assunto prioritário na agenda acadêmica no Brasil, a gravidade e amplitude do fenômeno e a participação do país como sede de eventos internacionais como foi a Copa do Mundo e como serão as Olimpíadas e, ainda, a intenção de destacar-se no cenário global, faz com que seja importante que os pesquisadores e governantes brasileiros participem e tomarem conhecimento dos debates sobre o tema.

Este trabalho teve a intenção de cobrir uma parte, ainda que pequena, mas significativa, na literatura das Relações Internacionais acerca desse delicado tema, de modo preliminar e exploratório. O entendimento mais profundo da lógica e das motivações do terrorismo suicida ainda está em desenvolvimento e demanda pesquisas contínuas. Novas e melhores explicações que acabem com os clichês, mitos e preconceitos sobre esse tema são fundamentais para o desenvolvimento da ciência, especialmente quando se trata de um assunto tão contencioso e difícil como é o terrorismo.

1429

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGO, Nicole. Human Bombs: Rethinking Religion and Terror. **MIT Center for International Studies**. April, 2006.

ARGO, Nicole. Why fight? Examining Self-Interested versus Communally-Oriented Motivations in Palestinians Resistance and Rebellion. **Security Studies**, vol. 18, 2009, pp. 651-680.

ATRAN, Scott. Genesis of Suicide Terrorism. **Science**, vol. 299, March 2003, pp. 1534-1539.

ATRAN, Scott. The Moral Logic and Growth of Suicide Terrorism. **The Washington Quarterly**, vol. 29, n° 2, spring 2006, pp. 127-147.

BLOOM, Mia M.. Palestinian Suicide Bombing: Public Support, Market Share and Outbidding. **Political Science Quarterly**, vol. 119, n° 1, spring 2004, pp. 61-88.

HASSAN, Nasra. An Arsenal of Believers. IN: **The New Yorker**. November, 2001.

MOGHADAM, Assaf. Motives for Martyrdom: Al-Qaida, Salafi Jihad and the Spread of Suicide Attacks. **International Security**, vol 33, nº 3, winter 2008/2009, pp. 46-78.

PAPE, Robert A.. The Strategic logic of suicide terrorism. *The American Political Science Review*, vol. 97, nº 3, August 2003, pp. 343-361.

ⁱ Resumo de trabalho a ser apresentado ao Grupo de Trabalho 37 sobre Religião e Relações Internacionais

ⁱⁱ “Nenhum dos terroristas suicidas – eles estavam na faixa entre dezoito e trinta e oito anos – se enquadrava no perfil típico da personalidade suicida. Nenhum deles era pouco escolarizado, desesperadamente pobre, pouco desenvolvido mentalmente ou deprimido. Muitos deles eram da classe média e, ao menos que fossem fugitivos, tinham empregos. Mais da metade deles era refugiados de Israel. Eles eram educados e sérios, além de serem considerados por suas comunidades como jovens modelo”. Tradução nossa.

ⁱⁱⁱ “Adesão a valores sagrados, que dão fundamento moral e fé a todas as sociedades ou seitas, tem existido por gerações, e em última instância, levam a obrigações morais que parecem irracionais, como o martírio. O indivíduo sente-se obrigado a agir, “independentemente da probabilidade de ser bem sucedido”, em atos de heroísmo ou terrorismo, porque os crentes não podem viver consigo mesmos se não o fizerem.” Tradução nossa.

^{iv} “*It appears that communal orientation may be necessary to inspire collective action at increasing levels of sacrifice*”. Tradução nossa.